

Relato de Experiência

I Encontro Urais em Perspectiva: Desenvolvimentos, Metropolização e Resistências

I Encontro Urais em Perspectiva: Desenvolvimentos, Metropolização e Resistências

Joana Cruz de Simoniⁱ

Doutoranda em Geografia
Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Vânia Nunes Morgadoⁱ

Doutoranda em Geografia
Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Victor Tinoco de Souzaⁱ

Doutorando em Geografia
Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

ⁱ Endereço institucional:

Vide nota de fim.

Endereço eletrônico:

joana.simoni@gmail.com

vn_morgado@yahoo.com.br

victortinoco85@gmail.com

O grupo de estudos urbanos e rurais – URAIS – concentra pesquisas dos alunos da graduação e da pós-graduação do departamento de Geografia e Meio ambiente da PUC-Rio acerca de temáticas diversas em contextos urbanos e rurais, sobretudo no estado do Rio de Janeiro.

No dia 16 de setembro de 2017 o grupo realizou o I Encontro: **UR AIS em Perspectiva: Desenvolvimentos, Metropolização e Resistências**, na PUC-Rio. A proposta do evento veio ao encontro da necessidade de socializar saberes, estabelecer um diálogo entre as pesquisas desenvolvidas pelo grupo (orientadas pelo professor João Rua), bem como **dar voz aos sujeitos pesquisados**, ampliando as discussões sobre os movimentos sociais investigados.

Sendo assim, o encontro provocou uma aproximação entre a universidade e os chamados “pesquisadores colaboradores” na perspectiva de escutar o outro com respeito, para entrar na lógica do discurso do outro e buscar sentidos nessa lógica,

rejeitando ou incorporando às nossas práticas. O que nos une tem que ser mais forte do que o que nos diferencia. Há muitas diferenças entre nós, porém o que nos une deve prevalecer. A PUC-Rio sempre foi uma universidade de acolhimento e por isso um espaço rico em possibilidades de ações coletivas. **Pensamos as diferenças para pensar escalas de luta.**

O encontro foi estruturado em três momentos/ “vivências” que, apesar de distintos, se integram no propósito de analisar o espaço em movimento e na sua complexidade. O presente texto irá apresentar e discutir brevemente estas vivências, com o objetivo de compartilhar e registrar a experiência do Encontro.

“Cada escola em seu bairro tem um potencial de mobilizar aquele bairro. Tem potencial de transformar aquela comunidade. É extraordinário”.
Estudante do movimento Ocupa

A primeira vivência, **“A escola se faz presente: O movimento ocupa em questão”**, promoveu a discussão sobre o processo de ocupação das escolas. A mesa foi composta por estudantes e professores da rede estadual e federal que fizeram seus relatos e análises sobre o “movimento ocupa” que marcou a luta estudantil e do magistrado durante a greve de 2016 dos professores da rede estadual e do colégio Pedro II. Estiveram presentes na mesa duas alunas e um professor para falar da #ocupap2 (unidade Tijuca), e uma aluna e um professor relatando as experiências das ocupações dos colégios CIEP 201 e Irineu Marinho.

A mesa teve início pelas falas das alunas do Colégio Pedro II, que apontaram que a ocupação não tinha por objetivo as demandas externas que marcavam a conjuntura do ano de 2016 – como, por exemplo, a reforma trabalhista, a reforma do ensino médio e a PEC248 implantadas no governo Temer. Elas sinalizaram que era também constituída por pautas internas, no sentido de luta contra o modelo de escola que se implementara na história da educação brasileira, como a hierarquia interna, o modelo de avaliação, a arquitetura escolar, dentre outros, que marcavam a vida dos alunos da rede Pedro II, neste caso, da unidade Tijuca.

Relato de Experiência – I Encontro Urais em Perspectiva

Joana C. de Simoni, Vânia N. Morgado e Victor T. de Souza

As ocupações nas unidades colégio Pedro II se formaram a partir de uma assembléia geral dos estudantes na unidade Tijuca, organizada pelos grêmios estudantis de cada unidade. Aprovada a ocupação, as alunas e os alunos, de acordo com os relatos, foram comunicar à direção geral do Colégio, das unidades e aos professores. O movimento encontrou resistência por parte de alguns grupos de professores sobre a proposta de ocupação das escolas. Houve divergência com esse grupo, mas que foram sanadas de maneiras pacíficas.

As alunas ressaltaram a importância de uma organização interna para manter a ocupação da qual estavam participando, em que tudo era decidido em assembléia pelos alunos. Montou-se uma organização interna, em comissões, que ficaram divididas com as seguintes responsabilidades: comunicação, mídia, alimentação, limpeza, segurança, atividade (subdividida em política, esportes e cultura). Era um modelo de ocupação horizontal, sem representação ou liderança central. A ocupação durou por três meses, tendo a participação permanente, com pernoite, de 30 alunos em média na unidade Tijuca.

No relato o destaque é sempre dado às mudanças da representação da escola. A descoberta de espaços até então desconhecidos foi um fato relevante, como a sala dos professores, um lugar que não era frequentado pelos estudantes, ganhou um novo significado. Por outro lado, a experiência da ocupação foi sinalizada nos discursos das alunas de que aprenderam a dar importância para funções de determinados seguimentos pela burocracia escolar e especialmente a terem mais cuidados com a manutenção da escola, pois, segunda elas, no retorno à escola após a ocupação, encontraram uma outra dinâmica do espaço, com novas representações e com uma lógica de ruptura, mesma que simbólica, da hierarquia aluno-instituição e, fundamentalmente, professor-aluno.

A fala do professor da mesma instituição toca nessa transformação da relação professor-aluno, pelo zelo à escola e a compreensão do universo de luta pela escola pública de qualidade. Ele aponta que “houve uma mudança de postura, de mais responsabilidade” e que os alunos tiveram que dialogar com a diversidade de segmentos que eram favoráveis e contra as ocupações na escola. Para ele, o debate sobre escola, principalmente no colégio Pedro II, representa essa diversidade de opiniões

Relato de Experiência – I Encontro Urais em Perspectiva

Joana C. de Simoni, Vânia N. Morgado e Victor T. de Souza

que se configura em uma estrutura social construída no Império, possuindo suas práticas e hábitos enquanto instituição centenária.

Já o movimento ocupa na escala das escolas estaduais do Rio de Janeiro foi representado na mesa por uma estudante, na época, do CIEP 201 de Duque de Caxias e por um professor do Colégio Estadual Irineu Marinho. A estudante relatou que sua escola já vinha de um processo de debate interno desde 2014, quando a luta nessa escola foi para eleições diretas à direção, através de ações de boicote ao SAERJ¹.

O boicote foi uma tática usada pelos alunos para forçar a saída da direção e promover eleições diretas. Isso levou a Secretaria de Educação a liberar o processo de eleição na escola. Esse foi o primeiro passo de uma gestão democrata. Em seguida o grêmio estudantil sugeriu uma série de propostas nos finais de semana para comunidade, em parceria com a direção eleita, abrindo o espaço escolar para atividades culturais e esportivos no bairro.

Em 2016, quando começaram os movimentos de ocupação das escolas estaduais, os alunos do CIEP 201 decidiram em Assembleia que iriam fazer uma ocupação cultural, pois, segundo suas avaliações, a escola já havia conquistado os principais pontos de pauta em 2014, como a eleição direta para direção: “a gente já tinha uma gestão democrática, uma escola aberta, conselho da escola funcionando, já tinha associações de estudante, pais e professores”, disse a aluna.

Os alunos e alunas do CIEP 201 fizeram uma ocupação cultural com atividades de rua e oficinas na escola voltadas para o tema da greve. Na opção de uma ocupação cultural eles não fizeram pernoite, também muito motivados pelas questões de segurança que marcam o bairro onde se localiza a escola.

Diferentemente do CIEP 201, o Colégio estadual Irineu Marinho foi considerado entre as 10 piores escolas em termos de infraestrutura do estado do Rio de Janeiro. Localizado também no município de Duque de Caxias, no complexo da Mangueirinha, está em área de constantes tiroteios, que interrompem frequentemente as aulas.

Os alunos do Irineu Marinho foram buscar ajuda junto ao grêmio estudantil do CIEP 201 para organizar a sua ocupação, que durou por volta de 46 dias. Eles lu-

¹ Sistema de Avaliação da Educação das Escolas do Rio de Janeiro.

Relato de Experiência – I Encontro Urais em Perspectiva

Joana C. de Simoni, Vânia N. Morgado e Victor T. de Souza

tavam por reformas na escola, saída de uma direção autoritária, que não levava em consideração a questão social do lugar e as mazelas que cercavam os alunos. A estudante presente apontou que foi uma das ocupações mais complexas dentro do movimento à época, pois se tratava em sua maioria de alunos do ensino fundamental. Um ponto importante a se destacar, é o fato de a comunidade ter dado apoio aos estudantes no processo de ocupação, um envolvimento comunitário, fato marcante na maioria das ocupações das escolas estaduais do Rio de Janeiro.

O relato do professor aponta o conflito entre os professores que apoiavam e aqueles que eram contra a greve. Ele indica que os professores tiveram papel importante na mobilização dos alunos para ocupação, dando apoio estrutural, atuando na garantia de entrada dos alunos na escola para participar da Assembleia que deliberou a ocupação do Irineu Marinho, e ficando com os alunos nos pernoites de maneira a dar mais segurança à ocupação, frente ao cenário de violência que marca a comunidade.

Para o professor, a ocupação trouxe alguns elementos importantes para a vida cotidiana dos alunos e alunas: ele indica que muitos alunos tinham dificuldade de convivência coletiva e que atuavam com uma linguagem ofensiva uns com os outros. Isso foi sendo rompido durante a ocupação, pois vários deles não tinham contato com uma linguagem não violenta em suas vidas cotidianas.

O professor ainda assinala a importância das ocupações dentro da luta sindical junto ao estado, entendendo que as ocupações promoveram um efeito de maior repercussão nas lutas dos professores, principalmente na vitória da pauta de retomada das eleições para direção das escolas.

De todo modo, o movimento ocupa produziu um debate e luta por uma educação pública de qualidade e, principalmente, um projeto de educação horizontal que leva em consideração as realidades territoriais, um modelo escolar democrático, participativo, pautado no diálogo entre escola-estudantes-comunidade, sendo o protagonista na formação de cidadãos e cidadãs críticos.

Já a segunda vivência “**Olhares sobre a Zona Oeste: Mosaico das diferenças**” desenvolveu uma reflexão coletiva sobre quando e como resistir aos desafios impostos pelo urbano. Contamos com representantes da Comunidade Pesqueira da

Relato de Experiência – I Encontro Urais em Perspectiva

Joana C. de Simoni, Vânia N. Morgado e Victor T. de Souza

Lagoa de Jacarepaguá e da Associação Mulheres de Pedra, movimentos sociais presentes na cidade do Rio de Janeiro que resistem e buscam caminhos possíveis de luta.

“A lagoa está morta! A pesca não existe!”

Representante da Comunidade Pesqueira da lagoa de Jacarepaguá

A comunidade pesqueira localizada na Avenida Embaixador Abelardo Bueno em frente ao Condomínio Ilha Pura, na Barra da Tijuca (RJ), existe há aproximadamente 50 anos, porém a pesca é praticada há mais de 100 anos.

Atualmente a comunidade sofre e denuncia: o descaso da prefeitura e da iniciativa privada na implantação de projetos viáveis prometidos no período das Olimpíadas; a especulação imobiliária na região; o aumento acentuado da poluição da lagoa; a diminuição e desvalorização do pescado. A condição precária da área levou à diminuição significativa do número de famílias que hoje residem no local e no abandono gradativo da pesca artesanal.

Dentre as promessas feitas pelos órgãos públicos destacam-se a despoluição da lagoa, dragagem e desobstrução dos canais, coleta e tratamento do esgoto e reassentamento das famílias. Sendo uma área valorizada da cidade do Rio de Janeiro, as famílias resistem à pressão das construtoras e dos órgãos públicos. Relata-se que as promessas não foram cumpridas e que cederam uma área para os pescadores há muitos anos atrás. Uns aceitaram outros não e, com isso, desarticularam os moradores e enfraqueceu-se o movimento, porém, aqueles que permaneceram receberam ajuda jurídica.

Muitas famílias saíram em troca de pouco e as que resistiram lutam por projetos que possam melhorar a qualidade da água da lagoa, pois acreditam que isso retomaria a pesca e valorizaria a comunidade.

Ao longo dessa história de luta 41 famílias se deslocaram para outras regiões da cidade. Atualmente 28 famílias resistem e esperam o resultado da ação judicial, porém vivem em condições insalubres. Relata-se que o cheiro forte de esgoto incomoda os moradores e passa a ser uma referência sensitiva negativa para uma área

Relato de Experiência – I Encontro Urais em Perspectiva

Joana C. de Simoni, Vânia N. Morgado e Victor T. de Souza

que já foi considerada balneária com variedade de pescado. Pescava-se tainha, caracará, corvina, camarão, robalo.

No decorrer desses anos a prefeitura não apresentou um projeto que beneficiasse os moradores da comunidade, dando esperança e condições de permanência, o que gera decepção e desejo, mesmo que seja momentâneo, de desocupar a área.

Segundo contam, a lagoa sempre deu muito peixe, e o pescado era vendido no local e no Centro de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro (CEASA). A partir de 2007 quando os jornais noticiaram a poluição da lagoa o mercado parou de comprar. Os pescadores ficaram sem sustento: a lagoa está doente e o peixe é difícil de vender. Quem compra, não sabe que o peixe é da área. Alguns pescadores buscam alternativas e pescam em outros lugares com ajuda dos amigos que apoiam a luta e emprestam os barcos.

Conta-se, também, que quando aterraram o rio Morto a qualidade da água degenerou e a quantidade de peixes diminuiu consideravelmente. Em comparação com os pescadores que têm acesso ao mar como os da Pedra de Guaratiba e Barra de Guaratiba, há outras condições de trabalho e, mesmo com a Baía de Sepetiba poluída, existe a capacidade de renovação.

Assim, aqueles que deixaram de pescar desenvolvem outras atividades para sobreviver. Esta mudança teve reflexo direto no número de sócios da comunidade pesqueira que chegou a ter 300 sócios. Hoje, conforme relatado, tem em torno de 20 sócios. Não há pesca e não existe uma proposta imediata do governo que promova a permanência ou retirada dessa população para viver com dignidade. As famílias não acreditam numa solução imediata, porém procuram apoio da sociedade e buscam formas de resistir.

“Eu escolhi Pedra para morar. Pra mim é o meu lugar”

Representante da Associação Mulheres de Pedra

A Associação Mulheres de Pedra localizada em Pedra de Guaratiba (RJ) existe há 17 anos e tem como bandeira de luta e resistência a arte e a cultura negra. O trabalho desenvolvido na associação faz parte do movimento social de economia solidária.

Relato de Experiência – I Encontro Urais em Perspectiva

Joana C. de Simoni, Vânia N. Morgado e Victor T. de Souza

A partir da poesia de Jennifer Nascimento – Terra Fértil –, os representantes fizeram um manifesto contra qualquer tipo de preconceito. Na Zona Oeste, as relações são invisibilizadas, pois é mais fácil falar dos grandes eventos como o Rock in Rio do que falar das Mulheres de Pedra. A Pedra de Guaratiba é um bairro da cidade do Rio de Janeiro bucólico e bonito, mas com muitos problemas. No período de 1970 e 1980 os artistas estavam em Guaratiba criando a Associação de Artistas Plásticos, organizando feiras de produtos artesanais. Aos poucos migraram para outros bairros, principalmente para Santa Teresa. Pedra não perdeu seu encantamento, porém perdeu muitos artistas, como Sergio Rocha.

É nesse contexto que falamos das Mulheres de Pedra de Guaratiba. Segundo a representante, a casa é um espaço de muito respeito. O fazer é com afeto e acolhimento; o trabalho é coletivo, cooperativo e colaborativo. A consciência coletiva é importante para a vida, porque o ser é individual e coletivo. O processo de cura, que para as Mulheres de Pedra não é doença física, transita em diversos segmentos: político, social e cultural. O movimento de cura é sempre em roda. As mulheres resistem através da arte, produzindo cultura.

Além disso, conta-se que a casa promove eventos, onde temos o contato com o diferente, o diálogo respeitoso e a ação coletiva. As diversas atividades valorizam a arte e a cultura negra.

A confecção da colcha (exposta no encontro) materializa esse “fazer” no entendimento que existe o eu particular que compõe o coletivo. A temática da colcha é o mangue, que tem identidade local. O mangue da Pedra de Guaratiba sofre com a poluição do mar, descaso da prefeitura e as novas relações da população local com o mar.

O Sarau poético que acontece a cada dois meses tem o objetivo de apresentar e divulgar os trabalhos de autoras negras e ressaltar as obras das grandes poetizas como Conceição Evaristo. É com muito prazer que falam sobre o cinema. As mulheres de pedra fazem cinema e participam de festivais, com destaque para o Festival de Cinema Negro no Odeon. Abriram o evento com o filme “Pedra de Guaratiba e as suas belezas”.

As festas que aconteceram em Junho homenagearam as mulheres negras e vivas. Todos os anos têm a festa da primavera e a participação no Festival de Economia Solidária.

O depoimento de uma das Mulheres de Pedra traz a importância do lugar na sua formação pessoal. Ela cresceu no mangue onde pegava camarão e era muito feliz. Recorda quando a prefeitura construiu o píer na praia se estendendo da igreja Nossa Senhora do Desterro (a terceira igreja mais antiga da cidade do Rio de Janeiro) até a praça. Essa obra acabou com a ligação direta que a comunidade tinha com o mar. Para ela o deck afastou as pessoas do mar e o esgoto é uma realidade. Demonstra que, quando criança, não tinha essa consciência ecológica, mas que hoje as crianças que moram em Pedra não têm consciência porque não vêem o mar.

Pedra de Guaratiba é um bairro carente de políticas públicas, mas a baía de Sepetiba ainda abastece de peixe a zona Oeste do Rio de Janeiro. A população está chegando e com ela acontecem coisas - movimentos ecológicos, movimento do rap, hortas comunitárias, Saraus, festa da primavera. Assim falamos sobre muitas coisas – meio ambiente, feminismo, falta de infraestrutura urbana, e colaborar para uma vida melhor.

O depoimento comovente de uma Mulher de Pedra finaliza a mesa e nos mostra que é possível sonhar: quando ela começou a frequentar a casa algo aconteceu que mudou a sua vida. Se descobriu no “fazer”. Voltou a estudar. Terminou o Ensino Médio e faz arte o tempo todo. “Felicidades transbordantes! Muito amorosa, muito afetiva e muito intensa”.

Após as falas da segunda vivência, que se encerrou no fim da manhã, e terminado o intervalo para almoço, houve uma **Caminhada pela PUC-Rio**, guiada pelo Professor João Rua. Neste momento, a universidade, seu espaço e sua história abriram-se para os participantes do encontro.

A terceira vivência, que ocorreu na parte da tarde, intitulou-se: “**Urbano e Rural em diálogo: narrativas e discursos**”. A proposta, para esta mesa, era a de fomentar um diálogo entre lideranças de movimentos urbanos e rurais – cujas experiências são parte dos objetos de pesquisa de integrantes do grupo –além do compartilhar dos saberes e práticas destes sujeitos.

Participaram desta vivência dois representantes de moradores do loteamento de Vila Real, o presidente e vice-presidente da Associação de Moradores e a presidente da Associação de Produtores e Moradores de Barracão dos Mendes, Nova Friburgo.

“A gente é insistente, o produtor rural é insistente. Eles se acham frágeis, mas eu falo pra eles que a gente não é, e a gente tá na luta lá. Uma luta difícil, uma luta árdua”

Representante da Associação de Produtores e Moradores de Barracão dos Mendes

A primeira a compartilhar sua experiência foi Representante da Associação de Produtores e Moradores de Barracão dos Mendes, que iniciou sua fala traçando sua história enquanto produtora rural e demonstrando seu vínculo com o trabalho que desenvolve e o espaço em que vive, dando ênfase ao seu papel articulador enquanto liderança local.

Ela nos conta do início de processo de organização das associações de produtores de Nova Friburgo, movimento que participou desde as primeiras reuniões, há cerca de 17 anos atrás. Assinala como “dá trabalho” o papel na diretoria – que conta com cerca de 200 associados, e, por volta de 80 deles, ativos. Há muitas demandas frente à atuação da associação que, segundo a representante, busca fazer uma ponte entre tais demandas e os órgãos públicos – geralmente, relacionadas à infraestrutura do local e ao tratamento de “burocracias” junto ao Estado. Neste sentido, ela relata que muitas vezes os associados confundiam o papel da Associação e o papel do poder público, questão que, ao longo do tempo, teria sido abrandada através do diálogo e da construção da ideia de representação.

Ela destaca também a participação de sua família em torno da atividade agrícola. Entre produtores e “atravessadores”, muitos têm como principal fonte de renda a produção, transporte e venda de alimentos da região. É também ao tratar deste tema, que a convidada traz um panorama do acionamento e desativação do CEASA local, da relação com mercados de outros municípios e do papel da Associação de

produtores da revitalização do CEASA – que hoje funciona ativamente. Relata, também, a dificuldade dos produtores em comercializar sua produção – um dos motivos que levou à articulação para a reativação do centro de abastecimento local.

Levanta-se, também, a questão de gênero nas representações locais: são apenas 3 mulheres na presidência de um total de 37 Associações no município de Nova Friburgo. Outra questão discutida é a diferente relação entre os associados e os moradores que teriam atividades mais ligadas às dinâmicas rurais ou urbanas.

“Antes mesmo de entrar em Santa Sofia, já tínhamos ciência que teríamos que lutar muito pelo nosso direito à moradia”

Presidente da Associação de Moradores de Vila Real

A segunda fala da mesa foi do Presidente da Associação de Moradores de Vila Real, que relatou os problemas e conflitos em torno do loteamento do local, em Seropédica – dentre eles, a pressão imobiliária e a falta de regularização fundiária no local. Ele relata como a principal busca é pelo “documento de posse”, que seria fruto de dignidade e cidadania para a população lá residente.

Assim, ele faz um relato das dificuldades, sobretudo junto ao poder público, deste processo de regularização – sempre trazendo, em paralelo, a importância disso para a qualidade de vida dos moradores do loteamento. São muitos os atores e instituições envolvidos neste processo (por exemplo, o INCRA e a Prefeitura, e, em sentido diferente, a UFRRJ), que, no entanto, ainda não encontrou solução ou desfecho.

Assim como a fala anterior, esta fala traz uma narrativa de uma série de dificuldades envolvidas no papel da presidência da Associação de Moradores, bem como os obstáculos e problemas que a comunidade enfrenta – a falta de saneamento e outros aparatos de infraestrutura urbana, ou a dificuldade de acesso a equipamentos de saúde, por exemplo.

Por fim, ele reafirma as muitas tentativas de remoção pelas quais a localidade passou, sempre sustentando a posição da ocupação em permanecer e enfrentar as pressões por eles sofridas. A luta, diz ele, é pelo direito à moradia.

Relato de Experiência – I Encontro Urais em Perspectiva

Joana C. de Simoni, Vânia N. Morgado e Victor T. de Souza

O encontro permitiu que se expusessem e se colocassem em diálogo uma série de questões urbanas e rurais contemporâneas, que evidenciam uma dinâmica de resistências, lutas e práticas cotidianas de sujeitos em um contexto de metropolização do espaço. O espaço de troca gerado pela realização do encontro trouxe à tona uma diversidade de experiências (permeadas de conflitos, intencionalidades e descobertas) demonstrando, sempre, as contradições dos ditos desenvolvimentos – processos cheios de peculiaridades, mas, também, pontos em comum. A vivência dessas experiências, portanto, pôde trazer consigo novas inspirações e compreensões acerca de tais processos – seja do ponto de vista acadêmico-científico, seja do ponto de vista da (re)produção da vida cotidiana.